



Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

UC/EPCE\_2016

**Associações entre a prática de auto-dano e a perceção de vinculação aos pais e pares em adolescentes portugueses**

Alexandra Barreira (e-mail: alexandra\_sfb@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação de Professora Doutora Luíza Nobre Lima

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação  
Universidade de Coimbra

**Associações entre a prática de auto-dano e a  
percepção de vinculação aos pais e pares em adolescentes  
portugueses**

*Alexandra Sofia Fernandes Barreira*

Dissertação de Mestrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, realizada sob a orientação da Professora Doutora Luíza Nobre Lima.

Coimbra - 2016

## **Associações entre a prática de auto-dano e a percepção de vinculação aos pais e pares em adolescentes portugueses**

O auto-dano é um comportamento deliberado com o intuito de destruir ou alterar o tecido corporal sem intenção suicida consciente, do qual resultam lesões graves no corpo (Andover & Gibb, 2010; Favazza 1998; Janis & Nock, 2010). O estudo do comportamento de auto-dano durante a adolescência torna-se relevante uma vez que esta é uma fase marcada pela modificação, não só das relações vinculativas estabelecidas mas também, do adolescente.

A presente investigação, que contou com a participação de 361 adolescentes, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ( $M=15.25$ ;  $DP=1.73$ ), tem como objetivo estudar o comportamento de auto-dano em adolescentes e a sua relação com a vinculação aos pais e pares. Para o efeito foram utilizados o questionário de Impulso, Auto-dano e Ideação Suicida na Adolescência (QIAIS-A) e o Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA).

Os resultados obtidos demonstraram que o “auto-dano com comportamentos de risco” é o mais praticado e que a vinculação à mãe para ambos os sexos e para os amigos no sexo feminino são preditores da prática de auto-dano. Em particular, é a alienação em relação à mãe que mais prevê os comportamentos auto-lesivos.

De um modo geral, os resultados reforçam a importância de mais investigação ser realizada sobre esta temática numa óptica desenvolvimental. Tal poderá contribuir para a concepção de programas de prevenção deste fenómeno em fases tão importantes do desenvolvimento humano como é a adolescência.

Palavras-chave: Auto-dano, vinculação, pais, pares, adolescência.

## **Associations between nonsuicidal self-injury behavior and attachment to parents and peers in Portuguese adolescents**

Nonsuicidal self-injury is a deliberate behavior used to destroy or alter the body tissue without conscious suicidal intent, which results in serious body injuries. (Andover & Gibb, 2010; Favazza 1998; Janis & Nock, 2010). The study of nonsuicidal self-injury behavior during adolescence becomes relevant since this is a stage marked by change, not only for the binding relationships established but also for the adolescent.

This investigation, which included the participation of 361 adolescents of both genders and aged between 12 and 18 years ( $M=15.25$ ;  $DP=1.73$ ), aims to study nonsuicidal self-injury behavior in adolescents and its relationship with the attachment to parents and peers. For this purpose we used the questionnaire Impulse, Self-harm and Suicidal Ideation in Adolescents – (QIAIS-A) and Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA).

The results showed that “nonsuicidal self-injury with risk behaviors” is the most practiced and the attachment to the mother for both genders and for friends in females are predictors of the nonsuicidal self-injury practice. In particular, it is the alienation from mother that predicts more self-injurious behaviors.

In general, the results reinforce the importance of more research to be carried out on this subject in a developmental perspective. This may contribute to the design of prevention programs for this phenomenon in such important stages of the human development such as adolescence.

Key words: Nonsuicidal self injury, attachment, parents, peers, adolescence

## **Agradecimentos**

O meu sincero obrigado à Professora Doutora Luiza Nobre Lima, pilar deste trabalho, pelo rigor, partilha de conhecimento, incentivo para fazer mais e melhor; pelo seu entusiasmo, determinação, pela total disponibilidade e dedicação. Foi um privilégio ter sido sua orientanda.

À Professora Doutora Paula Castilho pela cedência do instrumento para avaliar o auto-dano e pela bibliografia sobre o tema.

A todas as Instituições que me abriram as suas portas, e aos adolescentes que nelas residem, sem os quais não seria possível a realização deste trabalho.

Aos meus pais e avós, pela compreensão da minha ausência, por todo o apoio e por todo o esforço que fizeram para que eu pudesse concluir o meu curso. Sei que com muitas dificuldades e sacrifícios, mas sempre com grande vontade de me verem realizada. Espero poder compensar-vos no futuro.

A todos os que me acompanharam ao longo deste percurso e que contribuíram para que chegasse até aqui, o meu sincero agradecimento.

"Se nos detivermos a pensar nas pequenas coisas  
Chegaremos a compreender as grandes."

José Saramago

## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>I – Enquadramento Conceptual.....</b>	<b>2</b>
1. Auto-dano.....	2
1.1 A importância do estudo do auto-dano na adolescência.....	3
2. Vinculação.....	4
2.1 A importância da vinculação aos pais na adolescência.....	5
2.2 A importância da vinculação aos pares na adolescência.....	6
3. Auto-dano e vinculação – uma relação.....	7
<b>II – Objetivos.....</b>	<b>9</b>
<b>III – Metodologia.....</b>	<b>10</b>
1. Amostra.....	10
2. Instrumentos.....	11
2.1 Questionário de dados sociodemográficos.....	11
2.2 Questionário de Impulso, Auto-dano e Ideação Suicida na Adolescência – QIAIS-A.....	11
2.3 Inventário da Vinculação na Adolescência – IPPA.....	11
3. Procedimentos.....	12
3.1. Recolha da amostra.....	12
3.2 Análise estatística de dados.....	13
<b>IV – Resultados.....</b>	<b>14</b>
1. Auto-dano.....	14
1.1 Análise do auto-dano na amostra geral.....	14
1.2 Auto-dano em função do sexo.....	15
1.3 Auto-dano em função do grupo etário.....	15
1.4 Auto-dano em função do ciclo de escolaridade.....	16
1.4.1 Comparação dos tipos de auto-dano nos adolescentes que frequentam o Ensino Secundário.....	16
1.5 Auto-dano em função da residência.....	17
1.6 Auto-dano em função do nível sócio-económico.....	17
2. Associações entre a vinculação aos pais e pares e o auto-dano.....	17
2.1 Correlações entre o auto-dano e vinculação aos pais e pares, na	

amostra total, no sexo masculino e feminino.....	17
2.2 Papel preditor da vinculação aos pais e pares no auto-dano infligido pelos adolescentes do sexo masculino.....	18
2.2.1 Papel preditor das dimensões da vinculação à mãe no auto-dano infligido pelo sexo masculino.....	19
2.3 Papel preditor da vinculação aos pais e pares no auto-dano infligido pelo sexo feminino.....	20
2.3.1 Papel preditor da vinculação à mãe no auto-dano infligido pelo sexo feminino.....	20
2.3.2 Papel preditor da vinculação aos amigos no auto-dano infligido pelo sexo feminino.....	21
<b>V – Discussão.....</b>	<b>23</b>
<b>VI – Conclusões.....</b>	<b>27</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>28</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>37</b>

## Introdução

O auto-dano é um comportamento deliberado com o intuito de destruir ou alterar o tecido corporal sem intenção suicida consciente, das quais resultam lesões graves no corpo (Andover & Gibb, 2010; Favazza 1998; Janis & Nock, 2010). Esta variável tem suscitado o desenvolvimento de inúmeras investigações científicas, uma vez que este é um fenómeno que tem aumentado nos últimos anos, sobretudo entre os adolescentes. É clara a importância do aprofundamento do seu estudo, uma vez que o conhecimento das suas possíveis causas não foi ainda completamente explorado.

É nesse contexto que surge o interesse do presente trabalho, que pretende precisamente averiguar de que forma os vínculos aos pais e aos amigos, se encontram associados ao comportamento do auto-dano. Sabe-se que a vinculação aos pais influencia uma sucessão de aspetos intimamente relacionados à harmonia do adolescente e, nesse sentido, torna-se importante perceber de que forma essas alterações podem estar relacionadas com o comportamento de auto-dano.

A presente dissertação encontra-se organizada em seis capítulos: o primeiro capítulo corresponde ao Enquadramento Concetual, onde são apresentadas conceções teóricas e empíricas existentes acerca do auto-dano e da vinculação aos pais e pares na adolescência. No segundo capítulo apresentam-se os principais objetivos deste estudo e, no terceiro, a metodologia utilizada, nomeadamente no que concerne à amostra, aos instrumentos e aos procedimentos utilizados. Segue-se a apresentação dos resultados e a sua discussão, no quarto e quinto capítulo respetivamente. Finalmente, apresenta-se uma breve conclusão de todo o trabalho concretizado.

## I – Enquadramento conceptual

### 1. Auto-dano

O comportamento de provocar dano a si próprio contradiz o chamado instinto da busca pela sobrevivência, evitamento da dor e preservação da vida (Ryan, Heath, Lane, & Young, 2008 cit in Arcoverde & Soares, 2012). Em determinadas culturas os indivíduos têm este comportamento por razões religiosas, acreditando que os seus próprios atos servem um propósito que irá beneficiar a sua comunidade (Favazza, 1996 cit. in Ryan, 2006).

Existem múltiplos termos para descrever este fenómeno como, por exemplo, comportamento autolesivo (*self-injurious behavior*; Duffy, 2009; Klonsky, 2007;), autoferimento (*self-wounding*; Tantam & Whittaker, 1992), automutilação (*self-mutilation*; Suyemoto, 1998), e parassuicídio (*parasuicide*; Ogundipe, 1999 cit in Klonsky, 2007) (Carvalho, et. al. 2015). No presente estudo será utilizado o termo auto-dano não suicidário (*non-suicidal self-injury* (NSSI)), uma vez ser o termo mais utilizado nas investigações científicas realizadas até ao momento.

O auto-dano não suicidário refere-se à destruição direta e deliberada do próprio tecido do corpo (excluindo tatuagens (Batey, May & Andrade, 2010)), sem intenção consciente de morrer, sendo um comportamento socialmente inaceitável (Andover & Gibb, 2010; Favazza 1998; Janis & Nock, 2010). Embora esta conduta e o comportamento suicida não sejam equivalentes (Hankin & Abela, 2011), o auto-dano não suicidário continua a ser um prevalente e perigoso problema de saúde pública (Fliege, Lee, Grimm, & Klapp, 2009), pelo que começa a receber mais atenção por parte dos investigadores.

No DSM - V – *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, o auto-dano não suicidário é classificado como uma "nova desordem na necessidade de um estudo mais aprofundado", bem como um sintoma de transtorno de personalidade borderline, que é marcada por instabilidade emocional, relacionamentos instáveis e pensamentos de solidão (APA, 2013; Gunderson, 2015).

Alguns estudos (Brown, Linehan, Comtois, Murray & Chapman, 2009; Gardner & Cowdry, 1985; Kernberg, 1988; Langbehn & Pfohl, 1993; Leibenluft et al., 1987; Oferecer & Barlow, 1960; Walsh e Rosen, 1988 in Brown, et al., 2005) afirmam mesmo que o auto-dano não suicidário está associado a um diagnóstico da Perturbação Boderline da personalidade. Embora as pesquisas tenham revelado uma forte relação entre o auto-dano e esta desordem, pacientes com outras desordens podem também manifestar este comportamento, incluindo aqueles com depressão maior, transtornos de ansiedade, abuso de substâncias, distúrbios alimentares, transtorno de *stress* pós-traumático, esquizofrenia, e vários transtornos de personalidade (Haw, Hawton, Houston, e Townsend, 2001; Herpertz, Sass, & Favazza, 1997; Klonsky et al., 2003; Zlotnick et al. 1999 cit in Klonsky, 2007).

A prática de auto-dano não suicidário permite interromper estados dissociativos (abstração da dor), fornecendo algo físico para que o indivíduo

se concentre naquele momento (Batey, May & Andrade, 2010). Após esse comportamento os adolescentes afirmam sentir alívio e tranquilidade (Suyemoto, 1998). A repetição deste comportamento, em algumas pessoas, pode ser devido a uma dependência de B-endorfina, que é libertada quando há danos corporais, causando, então, o alívio temporário (Arcoverde, Leitão & Soares, 2012).

Os métodos mais comuns são com 70% a 90% cortar-se (Klonsky, 2007), com 21% a 44% bater-se (Klonsky, 2007), beliscar-se, arranhar-se, morder-se e por outro lado, os menos comuns são com 15% a 35% queimar-se (Klonsky, 2007) e picar-se com agulhas (Castilho Gouveia & Bento, 2011).

Determinados estudos clínicos revelam que os estados emocionais negativos são indutores deste comportamento (Castille et al., 2007), nomeadamente a ansiedade (Andover, Pepper, Ryabchenko, Orrico, & Gibb, 2005), a impulsividade (Janis & Nock, 2010), a manifestação de expressões de raiva, punição (Brown, Comtois & Linehan, 2002), a angústia (Edmondson, Brennan & House, 2016), o desejo de fugir de problemas (Hawton & James, 2005), a insatisfação corporal (imagem corporal negativa) (Muehlenkamp & Brausch, 2012), depressão (Fliege et al., 2009) auto-criticismo, dissociação, tensão extrema e isolamento face aos outros (Castilho, Gouveia & Bento, 2010), culpa e vergonha (Walsh, 2007). Também existem outros fenómenos ou condições que poderiam predispor um indivíduo a ter este comportamento: perda dos pais, doenças na infância ou cirurgia, abuso sexual, o alcoolismo na família, ter testemunhado violência familiar, conflitos entre pares (Walsh & Rosen, 1988 cit in Briere & Gil, 1998) e maus tratos na infância (Swannell, et al. 2012). As motivações interpessoais para o auto-dano não suicidário estão relacionadas com o desejo de resolver conflitos e de ser uma forma de a pessoa se poder expressar e comunicar com os outros (Walsh, 2007).

O tratamento de pacientes que exhibe este comportamento apresenta uma série de desafios para os terapeutas. O auto-dano não suicidário pode causar sofrimento psicológico para o paciente e para as pessoas mais próximas de si e pode, também, resultar em dano físico que exige tratamento médico. Além disso, estes pacientes podem ser internados contra a sua vontade, o que pode prejudicar a intervenção e o relacionamento terapêutico, não havendo benefício para estes pacientes (Huband & Tantam, 1999 cit in Klonsky, 2007).

## 1.1 O auto-dano na adolescência

A transição entre o final da infância e o início da adolescência é caracterizada, em alguns adolescentes, por altos níveis de *stress*, associados à adaptação a um novo ambiente social e aumento das exigências académicas (Arria et al., 2010), podendo ser considerado, dependendo da experiência de cada um, como um momento evolutivo de intensos conflitos, mudanças e de carácter impreciso (Cordeiro, 1979). É, portanto, um período que merece atenção, pois esta transição entre a infância e a idade adulta pode resultar, em problemas futuros para o desenvolvimento de um determinado indivíduo

(Ferreira & Nelas, 2006). Por exemplo, na busca de uma solução para os problemas, alguns jovens podem recorrer a comportamentos violentos, impulsivos ou suicidas (Borges & Werlang, 2006) e muitas dessas condutas podem ser iniciadas apenas pelo carácter exploratório do jovem, pela influência do meio (Feijó e Oliveira, 2001), ou pela luta de questões que se centram no desenvolvimento da sua identidade (Suyemoto & Macdonald, 1995).

O auto-dano não suicidário é um comportamento que tem recebido uma atenção crescente a nível mundial (Favazza, 1998; Ross & Heath 2003) motivado pela exponencial subida das taxas de comportamentos auto-lesivos em adolescentes que tornam este fenómeno entre os jovens um problema sério (Hawton, Rodham, Evans, & Harriss, 2009; Muehlenkamp, & Brausch, 2012; Nunes, 2012).

Verificou-se que aproximadamente 14% dos estudantes do ensino médio relataram que já se auto-mutilaram pelo menos uma vez (Ross & Heath, 2002), não sendo frequente o contacto com serviços de ajuda após o ato (Fortune & Hawton, 2007; Ystgaard et al., 2009). Muitos jovens que têm este comportamento fazem-no sozinhos (Walsh, 2007) apresentando mais pensamentos e comportamentos suicidas (Glenn & Klonsky, 2009).

As investigações têm revelado que os atos intencionais de auto-dano não suicidário são mais comuns e frequentes entre o sexo feminino do que no sexo masculino (Bergen, Hawton, Waters, Cooper, & Kapur, 2010; Hawton, Rodham, Evans, & Weatherall, 2002). Conforme expõem Owens, Horrocks & House (2002), aproximadamente 15% a 25% dos sujeitos que se auto-mutilam vão repetir esse episódio dentro de um ano e 20% a 25% ao longo dos próximos anos. Algumas pessoas afirmam que o fazem para “obter alívio”, “para assustar alguém” e “para obter alguma atenção” (Scoliers et al, 2009).

O auto-dano pode, assim, ter como finalidade a remoção de sentimentos, mas também pode ser utilizado como um meio para gerar sentimentos (Brown, Comtois, & Linehan, 2015).

## **2. Vinculação**

John Bowlby formulou os princípios básicos da teoria da vinculação. Este é um comportamento universal da espécie humana que perdura no tempo (Bretherton, 1992; Cassidy, 1999; Fuertes, 2010;).

A vinculação é uma ligação emocional permanente que se estabelece entre o bebé e a figura humana que lhe presta cuidados básicos, segurança e proteção, sendo um pré-requisito para a sobrevivência da criança. Ao longo do primeiro ano de vida, a criança estabelecerá uma relação recíproca e privilegiada com a figura cuidadora, que adquire o estatuto de figura de vinculação (Machado & Figueiredo, 2010; Papalia, Olds, & Feldman, 2001). Uma vez estabelecida, tende a ser duradoura no tempo e no espaço (Neves, 1995).

A figura de vinculação da criança fornece uma base segura a partir da

qual a criança pode explorar com segurança o seu ambiente e para a qual ela retorna quando sente perigo. Uma criança segura tem prazer em explorar o ambiente estando ou não o cuidador presente. Esta segurança resulta da existência de um cuidador sensível e recetivo que responde às necessidades da criança (Bowlby, 1969).

A teoria da vinculação continua a servir de base para a análise da influência da qualidade das relações com os pais (figuras de vinculação), enquanto variável de proteção, ou de risco, no desenvolvimento (Machado & Fonseca, 2009).

## **2.1 A importância da vinculação aos pais na adolescência**

O estudo da vinculação na fase desenvolvimental da adolescência torna-se importante pois esta é uma fase em que o indivíduo desenvolve a sua identidade e aprende a ser autónomo e independente (Buist, Deković, Meeus & Aken, 2004; Simões, 2002), tornando-se num adolescente auto-confiante e saudável (Bowlby, 1969). Deste modo, uma vinculação segura encontra-se associada a uma figura que transmitirá confiança enquanto prestador de cuidados, disponível e responsivo, manifestando presença contínua ao longo do tempo e dos contextos (Vaz, 2011). Mais fácil será, por fim, o adolescente tornar-se independente desse adulto e desenvolver boas relações com os outros (Papalia, Olds & Feldman, 2001), desejo sentido pelos próprios pais (Bowlby, 1956).

Os laços familiares dos adolescentes aos pais persistem, embora possam estar particularmente sujeitos a transformações e se assista a um alargamento da vinculação a novas relações (Machado & Oliveira, 2007; Machado, 2007).

A vinculação aos pais influencia uma série de aspetos intimamente ligados ao equilíbrio do adolescente. Segundo Machado & Fonseca (2009), há estudos que indicam como os padrões inseguros se correlacionam com problemas de desenvolvimento ao longo da adolescência. Todavia, quando a relação com os pais é percebida como positiva pelo adolescente, este tende a ver diminuída a sua tendência para os comportamentos impulsivos, transgressão de regras, problemas de agressividade e depressão (Laible, Carlo, & Raffaelli, 2000).

Verifica-se que, independentemente do género, quando a relação com os pais é caracterizada por proximidade e confiança, os adolescentes tendem a desenvolver uma boa autoimagem e autoconfiança, aumentando a sua capacidade de ultrapassar com sucesso os desafios da adolescência. Pelo contrário, quando o adolescente percebe a sua relação com os pais de forma negativa, caracterizada por alienação, falta de comunicação e confiança, tende a mostrar a sua insatisfação através de comportamentos delinquentes e agressivos (Buist, Deković, Meeus, & Aken, 2004).

Um vínculo seguro aos pais prediz positivamente o desenvolvimento de uma maior autoestima, maior satisfação com a vida, melhor adaptação à escola, mais suporte social percebido e menos *stress* (Engels, Finkenauer &

Meeus, 2001; Laible, Carlo e Raffaelli, 2000; Laible, Carlo & Roesch, 2004).

Os pais percebem a adolescência essencialmente como um período marcado por profundas mudanças físicas, psicológicas e de exploração (Steinberg & Morris, 2001). Estes concordam que estão perante um período de descoberta e experimentação no qual a conquista de autonomia se impõe como tarefa fundamental. No entanto, consideram, também, que é normal viver nesta fase uma experiência de crise. Mas, possuem a crença que o adolescente conhece momentos de perturbação e distúrbios emocionais, com tendência a desaparecer naturalmente com a idade (Simões & Lima, 2001).

A qualidade da relação que os pais têm com os filhos pode ser um processo de desenvolvimento saudável, como também pode contribuir para atenuar os efeitos de certos acontecimentos de vida negativos (Greenberg, Siegal & Leitch, 1983 citado em Figueiredo, 2009). Nesse caso, as relações afetivas que vão sendo construídas podem tornar-se factor de risco ou fator de proteção no percurso de desenvolvimento dos sujeitos (Figueiredo, 2009).

## 2.2 A importância da vinculação aos pares na adolescência

Segundo a teoria da vinculação, a qualidade da relação com as figuras parentais desempenha um papel primordial na forma como os jovens se percebem a si e aos outros, contribuindo a qualidade destes laços para o desenvolvimento da autoestima e dos laços que se constroem posteriormente com os pares (Berndt, 1982; Buist, Deković, Meeus & Aken, 2004; Rocha, Mota & Matos, 2011). Isto significa que a vinculação passa a constituir uma das dimensões das relações que o adolescente estabelece com outras figuras, para além dos pais (Soares, 1996).

A adolescência é concebida como o tempo de separação da família que possibilita o estabelecimento de novos laços afectivos fora desta (Gavin & Furman, 1989; Soares & Campos, 1988). Neste sentido, Fleming (1983) defende que o adolescente deve procurar parceiros, valores e objectivos fora da sua família.

Papalia, Olds & Feldman (2001, pag.599) afirmam que:

*“o grupo de pares representa uma fonte de afeto, simpatia, compreensão e de orientação moral, um lugar para a experimentação e um contexto para alcançar a autonomia e a independência dos pais”.*

As novas relações familiares e a necessidade de experimentar novos comportamentos também contribuem para a apreciação dos pares do adolescente. Os adolescentes neste processo de transformação sentem-se confortáveis com os pares, uma vez que estes oferecem segurança, uma relação de igualdade, uma relação em espelho, onde passam pelas mesmas mudanças, considerando tranquilizante pedir conselhos de amigos que estão na mesma posição que eles e que têm os mesmos gostos, receios, medos e inseguranças ao longo deste período (Lima, 2000; Smetana, Campione-Barr & Metzger, 2006). Os pares são forças de socialização que fomentam o desenvolvimento de identidade (Clasen & Brown, 1985). As relações com os pares desempenham, assim, um papel importante no desenvolvimento pessoal

e social do adolescente. Em alguns casos esta proximidade traduz-se na procura de apoio, conforto e partilha íntima que se caracteriza pela reciprocidade (Rocha, Mota, & Matos, 2011).

As transformações cognitivas que se operam na adolescência vão influenciar o modo como as relações com os pares são concebidas, modificando as relações individualistas que as crianças tinham entre si e tornando-as mais íntimas e de maior mutualidade e reciprocidade (Soares & Campos, 1986).

Estas relações não substituem os laços familiares durante a adolescência (Gorrese & Ruggieri, 2012). Estudos indicam que 80.5% dos adolescentes considera que os pais continuam a ser uma referência muito importante na adolescência, sendo que 51.3% afirma que os pais são cruciais e considerados como guias importantes nas tomadas de decisões (Lima, 2000), no que toca a áreas importantes como escolhas vocacionais e de educação (Wilks, 1986). Por sua vez, no que toca às decisões de *hobbies*, eventos sociais e aparência os adolescentes procuram ajuda com os pares (Paterson, Field & Pryor, 1994; Wilks, 1986). Na verdade, os pais passam mais tempo a explicar as suas próprias posições do que a ouvir os adolescentes e a tentar compreender as suas opiniões, sendo que as interações com os amigos são geralmente mais comuns do que com os pais (Noller, & Callan 1991).

Embora não substituam os laços familiares, é nesta fase que as amizades se assumem como sendo mais íntimas, desempenhando, por isso, um papel importante no sucesso académico dos adolescentes (Berndt, 1982; Oberle & Reichl, 2013), especialmente no Ensino Superior, uma vez que o estudante se encontra afastado de outras figuras de vinculação importantes (por exemplo, pais, amigos de infância) (Faria, Bastos, Soares, & Silva, 2008).

No estudo realizado por Laible (2007) os adolescentes com uma relação segura com os pais e amigos demonstram ser mais positivos e mais simpáticos, expressam um comportamento menos negativo e agressivo, do que os adolescentes com relações inseguras. Por sua vez, a rejeição dos pares pode contribuir para um comportamento de risco do adolescente (Prinstein & Greca, 2004).

A qualidade das relações de vinculação precoces que a criança estabelece irá, assim, ter um papel determinante na qualidade das relações íntimas que irá desenvolver ao longo da sua vida (Faria, Bastos, Soares, & Silva, 2008).

### **3. Auto-dano e vinculação – uma relação**

O estudo do comportamento de auto-dano na fase desenvolvimental da adolescência torna-se importante na medida em que é uma altura assinalada pela mudança, não só do adolescente, mas também das relações vincutivas estabelecidas, que transitam gradualmente da família para o grupo de pares (Anastácio & Nobre-Lima, 2015).

Num levantamento teórico realizado por Laible, Carlo e Raffaelli (2000) e Laible (2007), como referido na contextualização anterior, foram

referidos vários estudos que apontam para que uma vinculação segura aos pais funcione como preditiva de maior autoestima, de maior satisfação com a vida, melhor adaptação à escola e menos *stress*. Os mesmos autores encontraram ainda que ligações vinculativas fortes com os pares estão positivamente correlacionadas com o comportamento pró-social e com um baixo risco de problemas emocionais e comportamentais, exprimindo menos agressividade e menos sintomas depressivos relativamente aos adolescentes com fracas ligações vinculativas.

Tanto do ponto de vista clínico como da investigação, a manifestação de comportamentos de auto-dano nesta fase do desenvolvimento tem vindo a merecer particular atenção (Castilho, Pinto e Bento, 2010), sendo fundamental analisar a expressão do comportamento de auto-dano em adolescentes e identificar variáveis que a ele estejam associadas e que ajudem a esclarecer as motivações para tal prática. Dada a importância que a vinculação aos pais e pares assume no desenvolvimento e ajustamento psicológico dos adolescentes, julgamos ser pertinente pesquisar possíveis associações destas duas formas de vinculação com o comportamento de auto-dano não suicidário na adolescência.

## II - Objetivos

Com a presente investigação pretende-se contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno do auto-dano na adolescência através da análise de possíveis relações deste comportamento com a vinculação ao pais e pares.

Foram, então, definidos os seguintes objetivos para a presente investigação:

- a) Analisar a prevalência do comportamento de auto-dano em adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos;
- b) Analisar a influência do sexo, grupo etário, ciclo de escolaridade, residência e nível socioeconómico no comportamento de auto-dano destes adolescentes;
- c) Analisar a relação entre o comportamento de auto-dano e a perceção da vinculação aos pais e aos pares;
- d) Analisar o papel preditor da perceção da vinculação aos pais e pares no comportamento de auto-dano.

### III - Metodologia

#### 1. Amostra

A amostra neste estudo abrange um total de 361 adolescentes com idades entre os 12 e os 18 anos, de ambos os sexos. Os sujeitos são provenientes do 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário dos distritos de Bragança, Leiria e Coimbra. A seguir é exposto na Tabela 1 a distribuição geral dos sujeitos.

**Tabela 1. Características da amostra em função do sexo, grupo etário e ano de escolaridade (n=361)**

	n	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	195	54.0
Feminino	166	46.0
<b>Grupo Etário</b>		
12 - 14	130	36.0
15 - 16	136	37.7
17 - 18	95	26.3
<b>Ano de Escolaridade</b>		
3º Ciclo	160	44.4
Secundário	200	48.7
<b>Residência</b>		
Rural	163	45.2
Urbano	196	54.3
<b>NSE</b>		
Baixo	153	42.4
Médio	171	47.4
Alto	36	10.0

Na variável sexo, pode observar-se que a amostra é relativamente equilibrada, com 54% sujeitos do sexo masculino (n=195) e 46% para o sexo feminino (n=166).

Em termos etários os adolescentes apresentam uma média de 15.25 anos (DP = 1.73). De forma a comparar os resultados dos adolescentes em função das idades, foram criados três grupos – o Grupo 1, constituído por sujeitos de 12-14 anos, o Grupo 2, com sujeitos de 15-16 anos e o Grupo 3, com sujeitos dos 17-18 anos, sendo que o grupo com mais adolescente é o Grupo 2 com 37.7% (n=136).

Relativamente à variável ano de escolaridade a maior parte da amostra frequenta o 10º ano (27.4%).

Observa-se, por fim, que o nível socioeconómico da nossa amostra é maioritariamente médio.

## 2. Instrumentos

Neste estudo foi elaborado um questionário sociodemográfico e foram utilizados dois instrumentos que permitiram avaliar o comportamento de auto-dano e a percepção da vinculação à mãe, ao pai e aos pares.

### 2.1 Questionário de dados sociodemográficos

O Questionário Sociodemográfico foi estruturado tendo em conta as necessidades do presente estudo e teve como principal objetivo a recolha de informação para efeitos de caracterização da amostra. É composto pela idade, sexo, ano de escolaridade, residência (meio rural e meio urbano), e nível socioeconómico.

### 2.2 Questionário de Impulso, Auto-dano e Ideação Suicida na Adolescência - [QIAIS-A] - (Castilho P., Barreto Carvalho, C., Nunes, C. & Pinto-Gouveia, J., 2012)

Instrumento de autorresposta constituído por 64 itens, distribuídos por quatro fatores: A - Impulso (16 itens), B - Auto-dano (14 itens), C – Funções (31 itens) e D - Ideação-suicida (3 itens). O fator impulso remete para o desejo ou emoção que leva a realizar algo de forma súbita e irrefletida; o fator auto-dano, refere-se ao ato de fazer mal a si mesmo, com a ausência de intenção de suicídio, através da provocação de danos físicos leves ou moderados no corpo; o fator das funções, refere-se à utilidade que o comportamento de auto-dano tem na pessoa e o fator ideação suicida, concebe a ideia de causar um risco consciente a si próprio.

A resposta aos itens é feita através de uma escala de *Likert* de 4 pontos, que vai desde Nunca acontece comigo (0) a Acontece-me sempre (3). Apenas o módulo C – Funções é de resposta nominal.

Devem ser invertidos os itens do módulo Impulso formulados na positiva, nomeadamente os itens 6, 9, 13 e 15. Quanto maior for a pontuação final, maior a impulsividade, mais frequentes a prática de auto e a ideação suicida. A versão original apresenta uma consistência interna de 0.86 (Nunes, 2012).

Neste estudo, apenas foram considerados os dados obtidos no fator auto-dano.

No presente estudo o fator auto-dano apresenta uma consistência interna de 0.77.

### 2.3 Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA)

Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA) (Neves, 1995) é a tradução portuguesa do *Inventory of Parent and Peer Attachment de Armsden*

e Greenberg, (1987) que tem como objetivo avaliar a percepção da qualidade de vinculação dos adolescentes ou jovens adultos em relação aos progenitores e aos amigos. O conteúdo dos itens baseia-se nas formulações teóricas de Bowlby, que propõem que à medida que se desenvolvem os processos cognitivos, as representações tendem a assumir um papel relevante na forma como o sujeito lida com as relações (Figueiredo & Machado, 2010).

O IPPA é um instrumento de autorresposta com três versões (pai, mãe, amigos) possuindo cada uma delas 25 itens, classificados através de uma escala de *Likert* com cinco opções de resposta que variam entre (1) Nunca ou quase nunca e (5) Sempre ou quase sempre (Simões, Gonçalves, & Almeida, 1999). A cotação é feita para cada uma das versões, indicando uma pontuação elevada a percepção de uma forte vinculação à figura em questão (Armsden & Greenberg, 1987). Cada uma destas escalas é composta por três fatores: confiança, que se refere ao grau de compreensão e respeito mútuo; comunicação, relativo à comunicação verbal com os pais; e alienação, que diz respeito ao isolamento e o conflito em relação às figuras de vinculação (Neves, 1995).

Na subescala Vinculação à Figura Materna, os itens correspondentes à dimensão Confiança são o 1, 2, 4, 3\*, 9\*, 12, 13, 20, 21 e 22; os da dimensão Comunicação são o 5, 6\*, 7, 14\*, 15, 16, 19, 24 e 25; e os da Alienação são 8, 10, 11, 17, 18 e 23. Na subescala Vinculação à Figura Paterna, os itens correspondentes à dimensão Confiança são o 1, 2, 4, 3, 9, 12, 13, 20 e 21; os da dimensão Comunicação são o 5, 6\*, 7, 14\*, 15, 16, 19, 24 e 25; e os da Alienação são 8, 10, 11, 17, 18 e 23. Na subescala Vinculação aos Amigos os itens 5\*, 6, 8, 12, 13, 15, 14, 19, 20 e 21 constituem a dimensão Confiança, os itens 1, 2, 3, 7, 16, 17, 24 e 25 pertencem à dimensão Comunicação e os 4, 9, 10, 11, 18, 22 e 23 à dimensão Alienação. Os itens com asterisco são itens invertidos.

A consistência interna das três escalas, medida pelo coeficiente de alfa de *Cronbach*, foi de 0.92 para a vinculação à mãe, 0.95 para a vinculação ao pai e, por fim, 0.93 para a vinculação aos amigos (Neves, Soares, & Silva, 1999). No presente estudo a consistência interna para o fator da vinculação à Mãe foi de 0.74, para o fator da vinculação ao pai foi de 0.77 e para o fator da vinculação com os amigos foi de 0.87. A escala total apresenta uma consistência interna de 0.89.

### 3. Procedimentos

#### 3.1. Recolha da amostra

Para a realização desta investigação foi necessário, numa fase inicial, contactar a Direção Geral de Educação (DGE) para submissão dos pedidos de autorização dos instrumentos de inquirição em meio escolar. Depois de recebida a sua aprovação, contactou-se as Direções de vários agrupamentos escolares com vista à sua colaboração com a nossa investigação. De seguida, fez-se a distribuição dos consentimentos informados da população-alvo e

prosseguiu-se, em aulas cedidas pelos professores, à aplicação do protocolo de investigação aos alunos que trouxeram o consentimento autorizado pelo encarregado de educação.

A aplicação foi realizada de forma coletiva, salvaguardando a privacidade, a confidencialidade e o anonimato dos sujeitos integrantes nesta investigação. Após a sua aplicação, foram eliminados da amostra todos os questionários que se encontraram apenas parcialmente respondidos. Assim, dos 405 questionários preenchidos, foram validados para este estudo 361.

### 3.2. Análise estatística de dados

Inicialmente os questionários foram aleatoriamente numerados com um número de identificação. Para a realização das análises estatísticas dos dados utilizou-se o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS – versão 22). Posteriormente foi feita a caracterização do perfil da amostra com recurso a estatística descritiva, nomeadamente às medidas de tendência central e medidas de dispersão. No estudo comparativo de médias entre grupos, utilizamos o *teste t de student* de amostras emparelhadas.

Inseridos os dados, a sua análise foi realizada com recurso a diversos procedimentos estatísticos, nomeadamente:

- a. Estatísticas descritivas de tendência central e dispersão;
- b. Cálculo do coeficiente de *Pearson* para o estudo das correlações;
- c. Cálculo do coeficiente alfa de *Cronbach* para o estudo das consistências internas;
- d. Teste t de amostras emparelhadas e independentes para comparação de médias;
- e. Análise da Regressão Linear para os estudos de predição.

## IV - Resultados

### 1. Auto-dano

#### 1.1 Análise do auto-dano na amostra geral

O comportamento de auto-dano pode ser analisado nesta amostra de adolescentes a partir dos seus diferentes subtipos: “auto-dano propriamente dito”, “auto-dano praticado com recurso a objetos” e “auto-dano infligido através de comportamentos de risco”. A Tabela 2 apresenta o resultado da média, do desvio-padrão e da frequência relativa da prática e não prática de auto-dano. Tendo-se procedido à comparação dos tipos de auto-dano são também apresentadas as diferenças entre as suas médias, o valor do teste *t* e o nível de significância.

Através da análise das médias podemos verificar que na amostra geral a média é baixa. Fazendo uma análise destas médias e reduzindo-as à escala de classificação dos itens verifica-se que a resposta aos itens varia entre “nunca acontece comigo” (0 pontos) e “acontece-me algumas vezes” (1 ponto), sugerindo que os adolescentes apenas infligem auto-dano em algumas situações.

Quando se analisa o comportamento de auto-dano, tanto em geral como em função dos diferentes tipos que ele pode assumir, verifica-se que grande parte dos adolescentes (65.9%) nunca se auto-infligiu qualquer tipo de dano. Ainda assim, não é desprezível (34,5%) o número de adolescentes que o fazem. Analisando este comportamento tendo em conta as formas que ele pode assumir, verifica-se que o “auto-dano propriamente dito” é o que ostenta uma percentagem mais alta, com 21.3% na amostra total. Por sua vez, o fator “auto-dano praticado com recurso a objetos” apresenta um valor de 6.1%. Deste modo, podemos concluir que os adolescentes apresentam pouca, mas não negligenciável, expressão de auto-dano.

**Tabela 2. Médias, desvio-padrão, comparação de médias e frequências relativas dos tipos de auto-dano**

Auto-dano	M	DP	%		Dif. M	t	p
			Não	Sim			
(1) Propriamente dito	0.11	1.11	78.7	21.3			
(2) Com objetos	0.03	0.71	93.9	6.1			
(3) Comportamentos de Risco	0.56	1.48	78.9	21.1			
Total	1.13	2.50	65.9	34.5			
(1) – (2)					0.077	5.462	.000
(1) – (3)					- 0.001	-.071	.944
(2) – (3)					- 0.78	-5.229	.000

Os resultados apresentados na tabela 2 permitem, ainda, tirar conclusões acerca dos tipos de auto-dano mais praticado pelos adolescentes desta amostra. Verifica-se que eles se mutilam mais usando o seu próprio corpo (auto-dano propriamente dito) do que com objetos (auto-dano com objetos). Ainda assim, tendem a praticar mais o auto-dano através da exibição de comportamentos de risco do que praticarem o “auto-dano propriamente dito”. Por fim, “o auto-dano com comportamentos de risco” é o que parece ser a prática mais usada em comparação ao “auto-dano com objetos”.

## 1.2 Auto-dano em função do sexo

Tendo em conta as médias obtidas ao nível do auto-dano infligido, pelo sexo masculino e sexo feminino, e respetiva comparação estatística apresentada na Tabela 3, verificou-se que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, o que permite concluir que o grau de infligência de auto-dano não varia em função do sexo.

**Tabela 3. Médias, desvio-padrão e nível de significância do auto-dano em função do sexo**

	Rapazes (n=195)		Raparigas (n=166)		t	p
	M	DP	M	DP		
<b>Auto-dano</b>	0.98	2.21	1.30	2.80	-1.18	0.24

## 1.3 Auto-dano em função do grupo etário

Tendo em conta os grupos etários foi possível comparar os níveis de auto-dano entre adolescentes na fase mais inicial da adolescência, numa fase intermédia e adolescentes um pouco mais velhos.

Através da comparação das médias entre grupos etários (Tabela 4), verificou-se alterações no grau de auto-dano consoante o grupo etário em que os adolescentes se encontram

**Tabela 4. Médias, desvio-padrão e nível de significância do auto-dano em função do grupo etário**

	Grupo 1: 12-14 (n=130)		Grupo 2: 15-16 (n=136)		Grupo 3: 17-18 (n=95)		F	p
	M	DP	M	DP	M	DP		
<b>Auto-dano</b>	0.42	1.11	1.41	3.12	1.69	2.66	9.004	.000

O resultado obtido, na Tabela 4, na análise *Post Hoc* que concretizamos para compararmos as médias entre grupos mostra que a diferença significativa está entre o grupo 2 – 3 e grupo 1 – 3. Este resultado traduz que o grupo 3, em

ambas as comparações apresenta uma média significativamente superior.

#### 1.4 Auto-dano em função do ciclo de escolaridade

Através da observação da tabela 5 constatou-se que há diferenças estatisticamente significativas entre o 3º ciclo de escolaridade e ensino secundário para o auto-dano. Sendo que o ensino secundário é o que apresenta uma média significativamente superior.

**Tabela 5. Médias, desvio-padrão e nível de significância do auto-dano em função do ciclo de escolaridade**

	3º Ciclo (n=160)		Ensino Secundário (n=200)		t	p
	M	DP	M	DP		
<b>Auto-dano</b>	0.51	1.44	1.62	3.01	-4.59	.000

**Nota:** 3º Ciclo: 7º, 8º e 9ºanos de escolaridade; Ensino Secundário: 10º, 11º e 12ºanos de escolaridade

##### 1.4.1 Comparação dos tipos de auto-dano nos adolescentes que frequentam o Ensino Secundário

Pelo facto de se ter constatado que os adolescentes que frequentam o ensino secundário se auto-mutilam mais do que os do ensino básico, considerou-se pertinente analisar qual o tipo de auto-dano mais infligido por aqueles. Nesse sentido, estabeleceram-se comparações entre as médias dos tipos de auto-dano, tal como se apresenta na tabela 6, tendo-se constatado que os adolescentes que frequentam o ensino secundário utilizam mais o seu próprio corpo (auto-dano propriamente dito) do que com objetos (auto-dano com objetos), com um resultado estatisticamente significativo. Na comparação do “auto-dano propriamente dito” com “comportamentos de risco”, o resultado não se mostra significativo. Além disto, tendem a praticar mais auto-dano através da exibição de comportamentos de risco do que com objetos (auto-dano com objetos).

**Tabela 6. Médias, desvio-padrão e nível de significância dos tipos de auto-dano em função do secundário**

Auto-dano	Ensino Secundário			t	p
	M	DP	Dif. M		
(1) Propriamente dito	0.44	1.11			
(2) Com objetos	0.13	0.71			
(3) Comportamentos de Risco	0.56	1.48			
<b>Total</b>	<b>1.13</b>	<b>2.50</b>			

Associações entre a prática de auto-dano e a percepção de vinculação aos pais e pares em adolescentes portugueses  
Alexandra Barreira (e-mail: alexandra\_sfb@hotmail.com) 2016

(1) – (2)	0.08	3.77	.000
(1) – (3)	- 0.07	- 2.45	.15
(2) – (3)	- 0.15	- 5.76	.000

### 1.5 Auto-dano em função da residência

Na análise realizada para observar o auto-dano em função da residência (i.e., meio urbano versus meio rural) constatou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas, tal como se pode verificar pela observação da tabela 7. Isto significa que não se verificam alterações na prática de auto-dano em função da residência.

**Tabela 7. Médias, desvio-padrão e nível de significância do auto-dano em função da residência**

	Rural (n=163)		Urbano (n=196)		t	p
	M	DP	M	DP		
<b>Auto-dano</b>	1.14	1.92	1.13	2.90	0.03	0.98

### 1.6 Auto-dano em função do nível sócioeconómico

De modo a observar o impacto do nível socioeconómico (NSE) no auto-dano, procedeu-se a uma comparação das médias entre grupos (tabela 8). As diferenças encontradas não apresentam significado estatístico entre os três grupos. Este resultado admite, assim, concluir que não se verificam alterações na prática de auto-dano em função do nível sócioeconómico.

**Tabela 8. Médias, desvio-padrão e nível de significância do auto-dano em função do nível sócioeconómico**

	Baixo NSE (n=153)		Médio NSE (n=171)		Alto NSE (n=36)		F	p
	M	DP	M	DP	M	DP		
<b>Auto-dano</b>	1.30	2.63	0.91	2.00	1.42	3.73	1.272	.282

## 2. Associações entre a vinculação aos pais e pares e o auto-dano

### 2.1 Correlações entre o auto-dano e vinculação aos pais e pares, na amostra total, no sexo masculino e feminino

Na tabela 9 pode-se observar as correlações entre o auto-dano e a vinculação aos pais e pares, na amostra total, para o sexo masculino e feminino.

**Tabela 9. Matriz de correlações entre o auto-dano e a vinculação ao pais e pares, na amostra total, no sexo masculino e feminino**

	QIAIS-T		
	Total	Rapazes	Raparigas
IPPA – T – M	-.423**	-.392**	-.442**
IPPA – T – P	-.280**	-.237**	-.308**
IPPA – T – A	-.275	-.216**	-.374**

\*\* p<.01

IPPA-T- M = Vinculação à mãe; IPPA-T-P = Vinculação ao pai; IPPA-T-A = Vinculação aos amigos

Atentando à Tabela 9, é possível identificar a percepção da vinculação à mãe se correlaciona de forma negativa e moderada<sup>1</sup> com o auto-dano, tanto nas raparigas como nos rapazes, ainda que com maior expressão nelas. Tal significa que a percepção de uma fraca vinculação à mãe se encontra associada a um aumento do comportamento de auto-dano. Também se pode corroborar que no sexo feminino, a “vinculação aos amigos” correlaciona-se mais com o comportamento de auto-dano do que a “vinculação aos pais”. Por sua vez, no sexo masculino verifica-se o contrário, a “vinculação ao pai” correlaciona-se mais com o comportamento de auto-dano relativamente à “vinculação com os amigos.

## 2.2 Papel preditor da vinculação aos pais e pares no auto-dano infligido pelos adolescentes do sexo masculino

Efetou-se uma regressão linear múltipla de modo a observar a capacidade preditiva da variável vinculação aos pais e pares sobre a variável auto-dano nos adolescentes do sexo masculino.

<sup>1</sup> A interpretação dos valores obtidos foi realizada com base na proposta de Cohen (1988): valores entre  $r=.10$  a  $r=.29$  correspondem uma correlação fraca, valores entre  $r=.30$  a  $r=.49$  dizem respeito a uma correlação moderada e, finalmente, valores entre  $r=.50$  e  $r=1.0$  são considerados correlações fortes; o mesmo se aplica a correlação de carácter negativo.

Tal como apontam os resultados (Tabela 10), o modelo composto pelas variáveis “vinculação à mãe”, “vinculação ao pai” e “vinculação aos amigos”, obteve um valor significativo, explicando 15.8% da variância do auto-dano infligido pelos rapazes.

Os resultados observados na tabela 11 indicam, ainda, que a variável que parece contribuir para esta variância é a “vinculação à mãe” ( $\beta = -.355$ ;  $p < .000$ ); o valor observado qualifica esta variável enquanto preditor negativo, o que significa que quanto mais o adolescente perceber como segura a sua vinculação à mãe, menos comportamentos de auto-dano ele tenderá a infligir a si próprio.

**Tabela 10. Sumário do modelo de regressão linear múltipla no sexo masculino**

	R	R <sup>2</sup>	F	P
Modelo	.398	.158	11.949	.000

**Tabela 11. Coeficientes de regressão linear múltipla e nível de significância no sexo masculino**

IPPA	B	T	p
Mãe	-.355	- 4.416	.000
Pai	-.020	-.245	.807
Amigos	-.065	-.867	.387

### 2.2.1 Papel preditor das dimensões da vinculação à mãe no auto-dano infligido pelo sexo masculino

Tendo-se verificado que é a percepção da vinculação à mãe que mais prediz o comportamento de auto-dano, procurou-se perceber que dimensões da vinculação mais influenciam este mesmo comportamento.

Realizou-se uma Análise da Regressão Linear tomando como variável critério o auto-dano e como variáveis preditoras os fatores do IPPA, nomeadamente a comunicação, a confiança e a alienação. O resultado é observável nas Tabelas 12 e 13.

**Tabela 12. Sumário do modelo de regressão linear múltipla no sexo masculino**

	R	R <sup>2</sup>	F	p
Modelo	.506	.256	21.915	.000

**Tabela 13. Coeficientes de regressão linear múltipla e nível de significância no sexo masculino**

IPPA	B	t	p
Comunicação	.077	.833	.406
Confiança	-.185	-1.951	.052
Alienação	.435	6.138	.000

Verificou-se que a vinculação à mãe explica 25.6% da variância do comportamento de auto-dano infligido pelo sexo masculino. Esta variância deve-se principalmente à influência da alienação (tabela 13), verificando-se que a percepção de uma maior alienação em relação à mãe prediz uma maior prática de auto-dano nos rapazes.

### 2.3 Papel preditor da vinculação aos pais e pares no auto-dano infligido pelo sexo feminino

Foram realizadas as mesmas análises para os adolescentes do sexo feminino. O modelo composto pelas variáveis “vinculação à mãe”, “vinculação ao pai” e “vinculação aos amigos”, obteve um valor significativo, explicando 23.6% da variância ao auto-dano infligido pelo sexo feminino (tabela 11).

Os resultados examinados indicam ainda que as variáveis que mais parecem contribuir para esta variância são a “vinculação à mãe” e a “vinculação aos amigos (tabela 12).

**Tabela 11. Sumário do modelo de regressão linear múltipla no sexo feminino**

	R	R <sup>2</sup>	F	p
Modelo	-.489	.236	16.707	.000

**Tabela 12. Coeficientes de regressão linear múltipla e nível de significância no sexo feminino**

IPPA	B	t	p
Mãe	-.333	-4.001	.000
Pai	-.030	-.347	.729
Amigos	-.213	-2.633	.009

#### 2.3.1 Papel preditor da vinculação à mãe no auto-dano infligido pelo sexo feminino

Uma vez que se verificou que a vinculação à mãe é uma das variáveis estudadas que mais explica o comportamento de auto-dano, optou-se por calcular o efeito preditor das dimensões desta variável no auto-dano. Para tal, realizou-se uma análise da regressão linear tomando como variáveis predictoras as dimensões da vinculação à mãe, nomeadamente a comunicação, a confiança e a alienação, e como variável critério, o auto-dano infligido pelo sexo feminino. O resultado é observável nas Tabelas 13 e 14.

Verifica-se, assim, que, nas raparigas, 24.5% da variância do auto-dano é efeito da vinculação à mãe. O fator que mais contribuiu para tal, é a “alienação”, o que significa que quanto mais as adolescentes se perceberem alienadas em relação às suas mães, mais tenderão a praticar atos lesivos contra si próprias.

**Tabela 13. Sumário do modelo de regressão linear múltipla no sexo feminino**

	R	R <sup>2</sup>	F	p
Modelo	.495	.245	17.496	.000

**Tabela 14. Coeficientes de regressão linear múltipla e nível de significância no sexo feminino**

IPPA	B	t	p
Comunicação	.017	.144	.886
Confiança	-.149	-1.165	.246
Alienação	.390	4.048	.000

### 2.3.2 Papel preditor da vinculação aos amigos no auto-dano infligido pelo sexo feminino

O modelo composto pela variável “vinculação aos amigos” obteve um valor significativo, explicando 22.3% da variância do auto-dano infligido pelo sexo feminino (Tabela 11).

O fator que mais contribuiu foi, mais uma vez, a “alienação”. Verificando-se que a percepção de uma maior alienação em relação aos amigos prediz uma maior prática de auto-dano no sexo feminino.

**Tabela 11. Sumário do modelo de regressão linear múltipla no sexo feminino**

	R	R <sup>2</sup>	F	p
Modelo	.472	.223	15.469	.000

**Tabela 12. Coeficientes de regressão linear múltipla e nível de significância no sexo feminino**

IPPA	B	t	p
Comunicação	.086	.653	.514
Confiança	-.204	-1.426	.156
Alienação	.385	4.766	.000

## V - Discussão

O auto-dano tem sido alvo de investigação ao longo dos tempos, devido ao seu aumento no comportamento dos adolescentes (Favazza, 1998; Hawton, Rodham, Evans, & Harriss, 2009; Muehlenkamp, & Brausch, 2012; Nunes, 2012; Ross & Heath 2003). O estudo do comportamento de auto-dano na fase desenvolvimental da adolescência torna-se ainda mais importante pois esta é uma fase marcada pela procura de identidade, necessidade de experimentação e modificação, não só do adolescente, mas também, das relações vinculas estabelecidas (Domingues, et al. 2014).

Neste sentido, a presente investigação pretendeu analisar a expressão do comportamento de auto-dano em adolescentes e a relação entre este comportamento e a perceção da vinculação aos pais e aos pares. Se alguns resultados foram ao encontro do que já havia sido relatado pela comunidade científica, outros adquiriram contornos bastante interessantes. O objectivo deste capítulo é fazer não só uma síntese dos resultados obtidos, mas sobretudo discuti-los, de modo a compreender o seu valor e significado.

### *Discussão dos dados em função das variáveis sócio-demográficas para o auto-dano nos adolescentes*

O estudo de prevalência do comportamento de auto-dano em adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade revelou que 34.5% destes adolescentes se envolvem neste tipo de comportamentos. Este é um resultado convergente com o que tem sido descrito na literatura da especialidade. Darche (1990) encontrou no seu estudo uma taxa de incidência dos comportamentos de auto-dano próxima dos 40% em adolescentes. Por sua vez, Gratz (2001, cit in Fliege et. al. (2009)) afirma que os adolescentes apresentam comportamento de auto-dano que varia entre 13% a 35%.

Quando os resultados são analisados tendo em conta o tipo de auto-dano que os adolescentes podem praticar – auto-dano propriamente dito, com objetos ou através da exibição de comportamentos de risco – verificou-se que eles fazem mal a si próprios principalmente através da adopção de comportamentos de risco (por exemplo, “abuso excessivamente de álcool”, “conduzo de forma arriscada” e “abuso excessivamente de drogas leves”). O desenvolvimento do adolescente envolve uma gradual independência e autonomia da família, uma maior associação com os pares e a formação da identidade. Estas mudanças possibilitam ao adolescente experimentar novos comportamentos que, muitas vezes, podem ser de risco (Jessor, 1991). Os comportamentos de risco estão associados a um conjunto de comportamentos prejudiciais à saúde, nomeadamente o consumo de substâncias, comportamentos sexuais de risco, condução imprudente, comportamento homicida ou suicida, desordens alimentares, e delinquência (Simões, 2005). Estes comportamentos servem para experimentar novas componentes da vida não descobertas até então, sem os limites estabelecidos ou a protecção dada

pelos pais. Podem servir para ganhar aceitação e respeito dos pares, para ganhar autonomia dos pais, para manifestar rejeição pelas normas e valores convencionais, para lidar com a ansiedade, frustração e antecipação do fracasso, para confirmar para si próprio ou para os outros determinados atributos, para moldar a sua identidade, e ainda como prova de maturidade e transição para um estatuto mais adulto (Jessor, 1991). Mas, será que os jovens têm consciência do perigo associado aos comportamentos de risco ou caracterizam o perigo como estando mais relacionado ao auto-dano com objectos, daí os resultados serem mais baixos (6.1%)? A expressão “comportamento de risco” pode ser definida como participação em atividades que possam comprometer a saúde física e mental dos adolescentes. Muitas dessas condutas podem ser iniciadas pelo carácter exploratório do jovem, assim como pela influência do meio; no entanto, caso não sejam precocemente identificadas, podem levar à consolidação destas atitudes com significativas consequências nos níveis individual, familiar e social (Feijó & Oliveira, 2001; Matos & Carvalhosa, 1996). Fortune e Hawton (2007) revelaram no seu estudo que os adolescentes são conhecidos por subestimarem os riscos e se envolverem em comportamentos perigosos. Eles não têm intenção de morrer mas têm comportamentos com pouco conhecimento sobre as suas consequências (Fortune & Hawton, 2007). Dado que os estudantes permanecem a maior parte do seu tempo na escola, o contexto escolar pode ser considerado um importante local de intervenção com o objectivo de ser promovido o bem-estar dos adolescentes (Samdal, et al., 1998). São necessários mais estudos no sentido de perceber melhor este fenómeno.

No que concerne às análises realizadas em função do grupo etário e do ciclo de escolaridade, os resultados observados foram bastante semelhantes. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito do auto-dano, para os sujeitos com as idades mais elevadas (17-18 anos) comparativamente aos restantes grupos. O mesmo acontece na comparação entre o 3º ciclo de escolaridade e o Ensino Secundário, com os sujeitos mais avançados na escolaridade a obterem pontuações mais elevadas. Esta semelhança entre grupos não se revela inesperada, pois tanto o grupo etário 17-18 anos como o grupo referente ao Ensino Secundário devem, na sua maioria, ser constituídos pelos mesmos sujeitos. Imediatamente, verifica-se um acréscimo progressivo com a idade dos sujeitos. Uma possível explicação, como referido anteriormente na literatura, é por esta ser uma fase de transição e mudanças que pode estar associado, em alguns casos, a altos níveis de *stress*, relacionados à adaptação a um novo ambiente social e aumento das exigências académicas (Arria et al., 2010) e também, por ser uma fase na procura de soluções para os seus problemas, ou pela luta de questões que se centram no desenvolvimento da sua identidade (Suyemoto & Macdonald, 1995). É importante considerar a possibilidade de os resultados obtidos pela amostra serem, em parte, influenciados pelo facto de a grande maioria dos sujeitos ser do Ensino Secundário. A análise comparativa dos tipos de auto-dano praticados pelos adolescentes que frequentam o ensino secundário divulga que o mais praticado é o “auto-dano com comportamento de risco”.

Comparativamente à influência do sexo dos adolescentes nos seus

comportamentos de auto-dano, os resultados revelaram não existem diferenças estatisticamente significativas entre o auto-dano cometido por rapazes e o efetuado por raparigas. Estes resultados não corroboram os resultados encontrados noutras investigações, que apontam o sexo feminino como o mais propenso a comportamentos de auto-dano comparativamente ao sexo masculino (Bergen, Hawton, Waters, Cooper, & Kapur, 2010; Hawton, Rodham, Evans, & Weatherall, 2002; Ryan, 2006; Suyemoto, 1998).

Por fim, relativamente às análises realizadas em função da área de residência e do nível socioeconómico, os resultados não apontam para diferenças estatisticamente significativas no auto-dano infligido pelos adolescentes. Na ausência de outros dados que nos permitam discutir estes resultados, colocamos a hipótese de o comportamento de auto-dano na adolescência ser mais influenciado por fatores subjetivos (ex.: perceção de si, bem-estar, etc) do que por fatores objetivos como as características sociodemográficas.

#### *Discussão dos dados em função do auto-dano e a vinculação aos pais e pares nos adolescentes*

As correlações encontradas entre o auto-dano e a perceção da vinculação aos pais e pares são negativas e moderadas sendo sugestivas de uma associação entre estas variáveis. Esta associação revelou-se mais expressiva, tanto nos rapazes como nas raparigas, quando se considera a vinculação à mãe. Os estudos acerca da vinculação indicam que é a partir de uma relação segura e positiva com a figura materna, que o adolescente vai desenvolver uma boa capacidade de autonomia e de avaliação das relações parentais, estando também, capaz de explorar a sua independência intelectual e emocional (Allen et al., 2003). Por sua vez, uma vinculação insegura pode, entre outros fatores, contribuir posteriormente para atitudes disfuncionais (Lee & Hankin, 2009), delinquência, uso de drogas, sexo precoce, agressividade, má conduta na escola, e desenvolvimento de distúrbios de internalização como a depressão e o suicídio (Young, 2013). Portanto este resultado vai ao encontro do estudo que indica que os adolescentes que praticam auto-dano têm menos suporte na sua relação familiar (Muehlenkamp & Gutierrez's, 2007 cit in Hoff & Muehlenkamp, 2009).

O estudo de predição mostra que a vinculação à mãe é preditora de auto-dano, ao invés do que acontece com a vinculação ao pai. Na maior parte das culturas, as mães são consideradas as principais proporcionadoras dos cuidados físicos e de saúde da criança, enquanto o pai tem como principal função assegurar os recursos da família, tendo por isso um menor envolvimento na vida da criança. Todavia, quando desfruta de algum tempo com esta, os jogos e brincadeiras utilizados são o contexto de interação de maior importância na relação entre ambos (Maller, Charles, Neupert & Almeida, 2010). Paquette (2004, cit in Sousa, 2010) veio afirmar que aos olhos das crianças, as mães são vistas essencialmente como fonte de bem-estar

e segurança, parecendo estar mais associadas ao conforto e proteção em situações angustiantes, enquanto os pais são percebidos como principais companheiros de brincadeira, essencialmente pelos rapazes.

Atendendo agora à análise das diferentes dimensões da vinculação – Confiança, Comunicação e Alienação – averiguou-se que, na globalidade das comparações feitas, as relações com a mãe mostraram-se associadas a menores níveis do fator de Alienação. Esses resultados podem ser, pelo menos em parte, explicados pelas conclusões de Hamilton, no seu estudo em 2000, que veio evidenciar que a qualidade da relação estabelecida entre mãe-criança na infância se encontra significativamente associada às representações da vinculação no período da adolescência. Portanto, uma vinculação segura é crucial uma vez que assegura a proteção e serve para aliviar a angústia, e incentivar a exploração (Nickerson & Nagle, 2005). Quando o adolescente percebe a sua relação com os pais de forma negativa, caracterizada por alienação, falta de comunicação e confiança, tende a mostrar a sua insatisfação através de comportamentos delinquentes e agressivos (Buist, Deković, Meeus, & Aken, 2004).

Contudo, embora as figuras parentais sejam figuras principais de vinculação, os pares e as interações que têm entre si são também de extrema importância para os jovens durante a adolescência (Lerner & Steinberg, 2009; Spear, 2000). A literatura mostrou que os pares, como figuras de vinculação, podem ser fontes influentes de apoio emocional (Laible 2007) refúgio, e busca de proximidade (Gorrese & Ruggieri, 2012), contribuindo de forma eficaz para o desenvolvimento do adolescente (Allen & Miga, 2010). Por sua vez, a rejeição pelos pares pode contribuir para um comportamento de risco do adolescente (Prinstein & Greca, 2004). No nosso estudo, a alienação em relação aos pares revelou-se um preditor do comportamento de auto-dano nas raparigas. Investigações sugerem que os rapazes e raparigas exibem diferentes comportamentos nas suas relações, mostrando-se eles mais independentes e elas revelando mais necessidade de manter as relações (Cross & Madson, 1997 cit in Gorrese & Ruggieri, 2012), estando, por isso mais fortemente ligadas com os seus pares (Claes, 1992 cit in Gorrese & Ruggieri, 2012). Visto deste modo, o resultado por nós encontrado não é surpreendente. Existem dados que parecem traduzir uma maior propensão das raparigas para executarem o auto-dano não suicidário, para ajudar a aliviar sentimentos de solidão, quando se sentem isoladas e sozinhas (Castille et. al., 2007).

## VI - Conclusões

A investigação apresentada nesta dissertação pretendeu estudar a relação entre o auto-dano e a vinculação aos pais e pares na adolescência. O auto-dano é resultado de diversos fatores e é a sua complexidade que o torna num fenómeno a ser cada vez mais estudado. Desta forma, a presente investigação procurou conhecer melhor a sua dimensão. Neste sentido, elegeu-se uma amostra de adolescentes portugueses a frequentar o 3º ciclo e o Ensino Secundário de escolaridade.

O estudo empírico culminou em alguns resultados principais: 1) são os adolescentes mais velhos que mais parecem exibir comportamentos de auto-dano; 2) o tipo de auto-dano mais utilizado é o de “comportamentos de risco”; 3) A vinculação à mãe é a que mais se associa ao auto-dano na adolescência, tanto nos rapazes como nas raparigas; 4) A perceção de alienação na relação com a mãe é o que melhor explica este comportamento auto-lesivo 5) No caso das raparigas, a representação de uma fraca vinculação aos pares também prediz o comportamento de auto-dano. De um modo geral, observou-se que a vinculação à mãe foi a que apresentou correlações mais elevadas com o auto-dano nos adolescentes portugueses. O facto de ser essa relação praticamente por si só, a predizer comportamentos de auto-dano, foi um resultado surpreendente. Considera-se ser de extrema importância que fortes laços de vinculação sejam criados com as figuras parentais e os pares desde cedo na prevenção e manifestação de auto-dano.

Atendendo a estes e aos outros resultados obtidos, de modo geral, pode considerar-se que os objetivos propostos foram alcançados. Ainda assim, este trabalho deixa em aberto novas possibilidades de investigação, como por exemplo a influência de fatores subjetivos no auto-dano como o auto-conceito, o bem-estar psicológico ou a perceção de concessão de autonomia por parte dos pais. Sendo a adolescência uma fase muito estruturante da personalidade do indivíduo e com fortes implicações na saúde mental na vida adulta, toda a investigação que privilegie uma visão desenvolvimental do comportamento de auto-dano na adolescência pode contribuir para o esclarecimento de um fenómeno, que tem de ser desincentivado, e para a identificação de áreas de prevenção. Tendo-se percebido que a relação com os pares é um fator importante na emergência de comportamentos de auto-dano, a escola, será, com certeza, um contexto onde alguns programas de prevenção poderão ser desenvolvidos.

## Bibliografia

- Allen, J.P.; Marsh, P.; McFarland, C.; McElhaney, K. B.; Land, D.J.; Jodl, K.M. & Peck, S. (2002). Attachment and autonomy as predictor of the development of social skills and delinquency during midadolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70 (1), 56-66.
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Land, D. J., Kuperminc, G. P., Moore, C. W., O'Beirne, Kelly H., & Kilmer, S. L. (2003). A secure-base in adolescence: markers of attachment security in mother-adolescent relationship. *Child Development*, 74 (1), 292-307.
- Allen, J. P. & Miga, E. M. (2010). Attachment in adolescence: A move to the level of emotion regulation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27 (2), 181 – 190.
- Anastácio, S. & Nobre-Lima, L. (2015). A relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a empatia no início da adolescência. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. 6 (1), 109-123.
- Andover, M. S., & Gibb, B. E. (2010). Non-suicidal self-injury, attempted suicide, and suicidal intent among psychiatric inpatients. *Psychiatry Research*, 178, 101-105.
- Andover, M. S., Pepper, C. M., Ryabchenko, K. A., Orrico, E. g., & Gibb, B. E. (2005). Self-mutilation and symptoms of depression, anxiety, and borderline personality disorder. *The American Association of Suicidology*, 35 (5), 101-105.
- Arcoverde, R. L., & Soares, L.S.L. C. (2012). *Funções neuropsicológicas associadas a condutas autolesivas: Revisão integrativa de Literatura*. Universidade Federal de Pernambuco.
- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual Differences and Their Relationship to Psychological Well-Being in Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427-454.
- Arria, A. M., Grady, K. E., Caldeira, K. M., Vincent, K. B., Wilcox, H. C., & Wish, E. D. (2010). Suicide ideation among college students: A multivariate analysis. *Archives of Suicide Research*, 13 (3), 230–246.
- Batey, H., May, J., & Andrade J. (2010). Negative intrusive thoughts and dissociation as risk factors for self-harm. *The American Association*

*of Suicidology*, 40 (1), 35-49.

- Bergen, H., Hawton, K., Waters, K., Cooper, J., & Kapur, N. (2010). Psychosocial assessment and repetition of self-harm: The significance of single and multiple repeat episode analyses. *Journal of Affective Disorders*, 127 (1-3), 257-265.
- Berndt, T. (1982). The features and effects of friendship in early adolescence. *Child Developmental*, 53, 1447-1460.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss*. Vol. 1: Attachment. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1956). The growth of independence in the young child. *Royal Society of Health Journal*, 76, 587-591.
- Borges, V. R., & Werlang, B. S. G. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. *Estudos de Psicologia*, 11 (3), 345-351.
- Bretherton, I., (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Briere, J. & Gil, E. (1998). Self-Mutilation in Clinical and General Population Samples: Prevalence, Correlates, and Functions. *American Journal of Orthopsychiatry*, 68 (4), 609-620.
- Brown, G. K., Ph. D., Steer, R. A., Ed, D., Henriques, G. R., Ph, D., & Beck, A. T. (2005). The internal struggle between the wish to die and the wish to live: A risk factor for suicide. *American Journal of Psychiatry*, 162, 1977-1979.
- Brown, M. Z., Comtois, K. A., & Linehan, M. M. (2015). Reasons for suicide attempts and non suicidal self-injury in women with borderline personality disorder for suicide attempts and nonsuicidal self-injury in women with borderline personality disorder. *Journal of Abnormal Psychology*, 3 (1), 198-202.
- Brown, M. Z., Linehan, M. M., Comtois, K. A., Murray, A. & Chapman, A. L. (2009). Shame as a Prospective Predictor of Self-Inflicted Injury in Borderline Personality Disorder: A Multi-modal Analysis. *Behaviour Research Therapy*, 47 (10), 815-822.
- Buist, K. L., Deković, M., Meeus, W. H., & Aken, M. A. G. (2004). Attachment in adolescence: A social relations model analysis. *Journal of Adolescent Research*, 19, 826-850.

- Carvalho, C. B., Nunes, C., Castilho, P. Motta, C. Caldeira, S., & Pinto-Gouveia, J. (2015). Mapping non suicidal self-injury in adolescence: development and confirmatory factor analysis of the impulse, self-harm and suicide ideation questionnaire for adolescents (ISSIQ-A). *Psychiatry Research*, *241*, 1-10. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2015.01.031>
- Castille, K., Prout, M., Marczyk, G., Shmidheiser, M., Yoder, S., & Howlett, B. (2007). The early maladaptive schemas of self-mutilators: Implications for therapy. *Journal of cognitive Psychotherapy: An International Quarterly*, *21* (1), 58-71.
- Castilho, P., Gouveia, J. P., & Bento, E. (2010). Auto-criticismo, vergonha interna e dissociação: a sua contribuição para a patoplastia do auto-dano em adolescentes, *Psychologica*, *52*, 331-360.
- Clasen, D. R., & Brown, B. B. (1985). The multidimensionality of peer pressure in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *14* (6), 587-600.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2<sup>a</sup> ed.). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cordeiro, J. C. D. (1979). O adolescente e a família. Abordagem educativa e psicoterapêutica na perspectiva familiar. *Moraes Editores*, 21-23.
- Darche, M. A. (1990). Psychological factors differentiating self-mutilating and non-self-mutilating adolescent inpatient females. *The Psychiatric Hospital*, *21*, 31-35.
- Domingues, S., Leite, J., Martins, I., Sampaio, J., Fonseca, G. & Lir, S. (2014). Comportamentos de risco dos adolescentes portugueses e influência do meio. *Nascer e Crescer*, *23* (3), 124-133.
- Duffy, D. F. (2009). Self-injury. *Psychiatry*, *8* (7), 237-241.
- Edmondson, A. J., Brennan, C. A., & House, A. O. (2016). Non-suicidal reasons for self-harm: A systematic review of self-reported accounts. *Journal of Affective Disorders*, *191*, 109-117.
- Engels, R. C. M., Finkenauer, C., & Meeus, W. (2001). Parental attachment and adolescents' emotional adjustment: The associations with social skills and relational competence. *Journal of Counseling Psychology*, *48* (4), 428-439.
- Faria, C., Bastos, A., Soares, I., & Silva, C. (2008). Organização da vinculação e qualidade da relação com os pares. *Revista de Psicologia*, *1*, 201-210.

- Feijó, R. B., & Oliveira, E. A. (2001). Comportamento de risco na adolescência. *Jornal de Pediatria*, 71, 125-134.
- Ferreira, M., & Nelas, P.B. (2006). Adolescências...adolescentes. *Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu*, 32, 141-162.
- Figueiredo, T. C. A. (2009). *IPPA-R Pais, Pares E Professores. Estudo de adaptação e validação para Crianças do Ensino Básico*. Coimbra: Dissertação de Mestrado.
- Figueiredo, T. & Machado, T. S. (2010). *Representação da Vinculação a Pais, Pares e Professores – Estudos Preliminares do IPPA-R para Crianças do Ensino Básico*. Braga. Universidade do Minho.
- Fleming, M. (1983). A separação adolescentes-progenitores. *Análise Psicológica*, 4 (3), 521-542.
- Fliege, H., Lee, J., Grimm, A., & Klapp, B. F. (2009). Risk factors and correlates of deliberate self-harm behavior: A systematic review. *Journal of Psychosomatic Research*, 66 (6), 477–493.
- Fortune, S. A. & Hawton, K. (2007). Suicide and deliberate self-harm in children and adolescents. *Paediatrics and Child Health*, 443-447.
- Fuertes, M. (2010). Estudo exploratório sobre a classificação da vinculação atípica: desorganização ou adaptação? *Psicologica*, 1, 349-370.
- Gavin, L. A. & Furman, W. (1989). Age differences in adolescent's perceptions of their peer groups. *Developmental Psychology*, 25 (5), 827-834.
- Glenn, C. R. & Klonsky, E D. (2009). Social context during non-suicidal self-injury indicates suicide risk. *Personality and Individual Differences*, 46, 25-29.
- Gorrese, A. & Ruggieri, R. (2012). Peer Attachment: A Meta-analytic Review of Gender and Age Differences and Associations with Parent Attachment. *Youth Adolescence*, 41, 650-672.
- Gratz, K. L. (2001). Measurement of Deliberate Self-Harm: Preliminary Data on the Deliberate Self-Harm Inventory. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 23 (4), 253-263.
- Gunderson, J. G. (2015). Borderline Personality Disorder. *The New England Journal of Medicine*, 2037-2042.

- Hamilton, C. (2000). Continuity and discontinuity of attachment from infancy through adolescence. *Child Development*, 71 (3), 690-694.
- Hankin, B. L., & Abela, J. R. Z. (2011). Non-suicidal self-injury in adolescence: Prospective rates and risk factors in a 2 ½ year longitudinal study. *Psychiatry Research*, 186, 65-70.
- Hawton, K., & James, A. (2005). Suicide and deliberate self harm in young people deliberate self harm. *ABC adolescence*, 330, 891–894.
- Hawton, K., Rodham, K., Evans, E., & Harriss, L. (2009). Adolescents who self harm: A comparison of those who go to hospital and those who do not. *Child and Adolescent Mental Health Volume*, 14 (1), 24–30.
- Hawton, K., Rodham, K., Evans, E., & Weatherall, R. (2002). Deliberate self harm in adolescents: Self report survey in schools in England. *BMJ Journal*, 325, 1207–1211.
- Hoff, E. R. & Muehlenamp, J. J. (2009). Nonsuicidal Self-Injury in College Students: The Role of Perfectionism and Rumination. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 39 (6), 576 – 587.
- Janis, I. B., & Nock, M. K. (2010). Nonsuicidal self-injury in adolescence: Prospective rates and risk factors in a 2 ½ year longitudinal study. *Psychiatry Research*, 169 (3), 261–267.
- Klonsky, E. D. (2007). The functions of deliberate self-injury: A review of the evidence. *Clinical Psychology Review*, 27, 226-239.
- Laible, D (2007). Attachment with parents and peers in late adolescence: Links with emotional competence and social behavior. *Personality and Individual Differences*, 43, 1185-1197.
- Laible, D. J., Carlo, G. & Roesch, S. C. R. (2004). Pathways to Self-Esteem in Late Adolescent: The Role of Parent and Peer Attachment, Empathy, and Social Behaviors. *Journal of Adolescence*, 27, 703-716.
- Laible, D. J., Carlo, G., & Raffaelli, M. (2000). The differential relations of parental and peer attachment to adolescent adjustment. *Faculty Publications, Department of Psychology*, 51, 45-59.
- Lee, A. & Hankin, B. L. (2009). Insecure Attachment, Dysfunctional Attitudes, and Low Self-Esteem Predicting Prospective Symptoms of Depression and Anxiety During Adolescence. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 38 (2), 219 – 231.

- Lima, L. N. (2000). *Concepções sobre a adolescência e promoção da autonomia - estudo exploratório*. Coimbra: Dissertação de Mestrado.
- Machado, T. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista portuguesa de Pedagogia*, 41 (2), 5-28.
- Machado, T. S., & Fonseca, A. C. (2009). Desenvolvimento adaptativo em jovens portugueses: será significativa a relação com os pais?. *Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1 (3), 461-468.
- Machado, T., S., & Figueiredo, T. (2010). Vinculação a pais, pares e professores – estudos com o IPPA-R para crianças do ensino básico. *Psychologica*, 53, 27-45
- Machado, T. S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 6 (1), 97-115.
- Maller, M. H., Charles, S. T., Neupert, S. D. & Almeida, D. M. (2010). PERCEPTIONS OF CHILDHOOD RELATIONSHIPS WITH MOTHER AND FATHER: DAILY EMOTIONAL AND STRESSOR EXPERIENCES IN ADULTHOOD. *Developmental Psychology*, 46 (6), 1651–1661.
- Matos, M., & Carvalhosa, F. S. (2001). A saúde dos adolescentes: Ambiente escolar e bem-estar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2 (2), 43-53.
- Muehlenkamp, J. J., & Brausch, A. M. (2012). Body image as a mediator of non-suicidal self-injury in adolescents. *Journal of Adolescence*, 35 (1), 1 – 9.
- Neves, L. (1995). *Suporte emocional na adolescência - A relação com os pais e com os amigos em momentos de transição escolar*. Coimbra: Dissertação de Mestrado.
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. C. (1999). Inventário de Vinculação na Adolescência (I.P.P.A.). In M. R. Simões, M. Gonçalves, & L. Almeida, *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 37-48). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Neves, L. M. M. F. (1995). *Suporte emocional na adolescência. A relação com os pais e com os amigos em momentos de transição escolar*. Coimbra: Dissertação de Mestrado.

- Nickerson, A. B & Nagle, R. J. (2005). Parent and Peer Attachment in Late Childhood and Early Adolescence. *The Journal of Early Adolescence*, 25 (2), 223-249.
- Nunes, C. P. S. (2012). *Auto-dano e ideação suicida na população adolescente*. Ponta Delgada: Dissertação de Mestrado.
- Noller, P. & Callan, V. (1991). *The Adolescent in the Family*. New York, Routledge, 50-54.
- Oberle, E. & Reichl, K. (2013). Relations among peer acceptance, inhibitory control, and math achievement in early adolescence. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 34, 45-51.
- Owens, D., Horrocks, J., & House, A. (2002). Fatal and non-fatal repetition of self-harm. *Systematic review. Br. J. Psychiatry*, 181, 193-199.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Prinstein, M. J. & Greca, A. M. L. (2004). Childhood Peer Rejection and Aggression as Predictors of Adolescent Girls' Externalizing and Health Risk Behaviors: A 6-Year Longitudinal Study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1, 103-112.
- Rocha, M, Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel preditor da autoestima. *Análise Psicológica*, 2, 185-200.
- Ross, S., & Heath, N. L. (2003). Two Models of Adolescent Self-Mutilation. *The American Association of Sociology*, 33 (3), 277-287.
- Ryan, K. D (2006). *Superficial Self-Harm Behavior: Helping Young Women Who Hurt Themselves*. Brigham Young University- Provo.
- Samdal, O., Nutbeam D., Wold, & Kannas L. (1998). Achieving health and educational goals through schools- a study of the importance of the school climate and the students satisfaction with school. *Health Education Research*, 13 (3), 383-397.
- Scoliers, G., Portzky, G., Madge, Nicola, Hewitt, A., Hawton, K., Wilde, E. J., Ystgaard M., Arensman, E., Leo, D., & Heeringen K. (2009). Reasons for adolescent deliberate self-harm: a cry of pain and/or a cry for help?, *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 44 (8), 601-607.
- Simões, M. (2005). *Comportamentos de Risco na Adolescência. Estudo dos factores aliados ao risco e a protecção na saúde em jovens em Associações entre a prática de auto-dano e a percepção de vinculação aos pais e pares em adolescentes portugueses*  
Alexandra Barreira (e-mail: alexandra\_sfb@hotmail.com) 2016

*idade escolar em função dos diferentes cenários relevantes do seu quotidiano e do seu percurso de desajustamento social.* Lisboa: Dissertação de Doutoramento.

- Simões, M. R., Gonçalves, M., & Almeida, L. S. (1999). Testes e provas psicológicas em Portugal. *Editores*, 2, 37-48.
- Simões, M. C. T. (2002). Adolescência: Transição, crise ou mudança? *Psychologica*, 30, 407-429.
- Simões, M. C. T., & Lima, L. N. (2001). Adolescência: Concepções parentais e promoção de autonomia. *Psychologica*, 27, 245-274.
- Spear, L. P. (2000). The adolescent brain and age-related behavioural manifestations. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 24, 417-463.
- Soares, I. (1996). *Representações da vinculação na idade adulta e na adolescência.* Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, 44-48.
- Soares, I. & Campos, B. P. (1986). Concepção de amizade nos jovens. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 47-57.
- Soares, I. & Campos, B. P. (1988). Vinculação e autonomia na relação do adolescente com os pais. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 57-64.
- Sousa, A. F. B (2010). *Influência da vinculação ao pai e à mãe nas motivações dos adolescentes para iniciar ou manter relações românticas.* Lisboa: Dissertação de Mestrado
- Smetana, J. G., Campione-Barr, N., & Metzger, A. (2006). Adolescent Development in Interpersonal and Society Contexts. *Annual Review Psychology*, 57, 255-84.
- Steinberg, L., & Morris, A. S. (2001). Adolescent development. *Annual Review Psychology*, 52, 83-110.
- Suyemoto, K. L. (1998). The functions of self-mutilation. *Clinical Psychology Review*, 18 (5), 531–554.
- Suyemoto, K. L., & Macdonald, M. L. (1995). Self-cutting in female adolescents, *Psychotherapy*, 32 (1), 162–171.
- Swannel, S., Martin, G. Page, A., Hasking, P., Hazell, P., Taylor, A. & Protani, M. (2012). Child maltreatment, subsequent non-suicidal self-injury and the mediating roles of dissociation, alexithymia and
- Associações entre a prática de auto-dano e a percepção de vinculação aos pais e pares em adolescentes portugueses  
Alexandra Barreira (e-mail: alexandra\_sfb@hotmail.com) 2016

self-blame. *Child Abuse & Neglect*.

- Tantam, D., & Whittaker, J. (1992). Personality disorder and self-wounding. *British Journal of Psychiatry*, *161*, 451-464.
- Vaz, M. S. D. S. F. (2011). *Vinculação à Mãe, ao Pai e ao Grupo de Pares e sua Relação com a Delinquência Juvenil*. Lisboa: Dissertação de Mestrado.
- Walsh, B. (2007). Clinical Assessment of Self-Injury: A Practical Guide. *Journal of Clinical Psychology: In Session*, *63* (11), 1057-1068.
- Wilks, J. (1986). The relative importance of parents and friends in adolescent decision making. *Journal of Youth and Adolescence*, *15* (4).
- Young, R. E. (2013). *The Influence of Parent-Child Attachment Relationships and Self-Esteem on Adolescents' Engagement in Risky Behaviors*. Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences. Brandeis University.
- Ystgaard, M., Arensman, E., Hawton, K., Madge, N., Heeringen, K. Van, Hewitt, A., Wilde, E. J., Leo, D., & Fekete, S. (2009). Deliberate self-harm in adolescents: Comparison between those who receive help following self-harm and those who do not. *Journal of Adolescence*, *32* (4), 875 – 891.